

A RUA, O PALCO, A VIDA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA PEDAGÓGICA

Ana Flávia Oliveira Sales - UFC
Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará / Instrutora de Danças de
Cultura Tradicional Popular da Companhia de Dança Estrelas da Rua

Tiago Bruno Areal Barra - UFC
Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará
Especialista em Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o Sistema Prisional

RESUMO

A presente pesquisa tem como premissa dialogar sobre o processo formativo vivenciado pelos sujeitos pertencentes à Companhia de Dança Estrelas da Rua (Brasil, 1998; Salomé, 2014), destacando aspectos ligados à construção da resiliência em seu processo formativo (Macedo, 2014; Freire, 2006). A Companhia de Dança Estrelas da Rua (Josso, 2002; Melillo & Ojeda, 2005) atua na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, onde os seus sujeitos participantes habitam áreas urbanas periféricas da cidade. Em seu percurso dialógico, dentro da perspectiva formativa, tais sujeitos foram apresentados à companhia através da participação no Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMNR) do Ceará, grupo fundante para que o processo de consciência crítica dos sujeitos tenha sido desenvolvido de maneira qualitativa em suas vivências cotidianas (Antunes, 2011; Barra, 2015; Romans, 2003). Como percurso metodológico, constitui-se como pesquisa de cunho qualitativo, utilizando-se da observação participante e de entrevista semiestruturada como ferramentas metodológicas coesas para o alcance dos objetivos traçados (Bogdan & Biklen, 1994; Flick, 2009; Groulx, 2010). Com tudo, conclui-se ao fim da trajetória da pesquisa que a Cia. de Dança investigada incide de maneira qualitativa no processo de construção da resiliência, como também, no percurso formativo de vida dos sujeitos que a compõem, tendo, conseqüentemente, contribuído para a formação de sujeitos que possuem o pensamento crítico coesos com o entorno social que os cercam.

Palavras-chaves: Estrelas da Rua. Formação. Resiliência.

1. INTRODUÇÃO

Em becos e vielas, nos espaços de periferia das grandes cidades brasileiras, como por exemplo, na cidade de Fortaleza, há diversos sujeitos que se encontram invisibilizados por uma sociedade extremamente desigual, onde está em pauta a dimensão do ter, em virtude da dimensão do ser. Porém, alguns desses sujeitos não seguiram a lógica social comum do sujeito que se encontra em situação de rua, na verdade, muitos desses sujeitos buscaram novos caminhos diante da lógica social posta. Parte desses sujeitos são os jovens que viveram em situação de rua na fase da infância e adolescência, e hoje, são membros fundadores da Companhia de Dança Estrelas da Rua. (CARVALHO, 2004)

Tudo começou quando os mesmos foram convidados a participar de uma oficina de dança popular tradicional, de responsabilidade do Movimento Nacional dos Meninos e

Meninas de Rua (MNMMR) do Ceará, grupo social no qual os sujeitos desta pesquisa eram pertencentes a cerca de uma década atrás da escrita deste artigo.

Dentro do MNMMR havia um projeto de menor porte intitulado Meninos e Meninas do Teatro, onde ministrou-se uma oficina com a temática da dança, mais especificamente, de danças populares que enaltecem aspectos regionalistas encontrados nos principais polos de cultura do país. O local escolhido para se ministrar a oficina foi o jardim do Teatro José de Alencar, localizado no centro da cidade de Fortaleza.

O objetivo do projeto Meninos e Meninas do Teatro foi trabalhar diversas expressões artísticas como forma de empoderamento social e diálogo sobre as inúmeras realidades vividas pelos sujeitos em seus microespaços de atuação. Dentro desse viés surgia a dança, como uma das ferramentas importantes nesse processo de transformação social dos sujeitos. Todos os sujeitos atendidos possuíam a faixa etária de nove a quinze anos de idade, sendo parte desses sujeitos, os protagonistas desta pesquisa.

O grupo da presente pesquisa é formado por jovens pertencentes às áreas de periferia da cidade de Fortaleza e a sua participação no MNMMR, até formarem a Companhia de Dança Estrelas da Rua, fez com que rompessem parcialmente a lógica desigual de uma sociedade excludente, em sua concepção formal. Com isso, a presente investigação tem como objetivo central compreender como o companhia de dança em questão, contribuiu de maneira qualitativa para a formação dos sujeitos, numa lógica de construção da resiliência em meio a esse percurso vivencial. A importância da pesquisa se dá na premissa de que a formação vai além da dimensão educativa e pode auxiliar a impactar positivamente a vida de diversos sujeitos.

2. PROCESSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa tem como premissa inicial a lógica da pesquisa qualitativa, pois a presente abordagem tem como função dar relevâncias aos fenômenos sociais, mais especificamente, ao estudo das relações sociais. A pesquisa qualitativa alia métodos empíricos com os fatos encontrados no decorrer da investigação. Acaba, nessa disposição, agregando diversas estratégias de investigação, podendo ser relativos a pessoas, lugares ou fatos sociais, como determina Bogdan & Biklen (1994, p. 16) ao mencionarem que:

a expressão 'investigação qualitativa' não foi utilizada nas ciências sociais até o final dos anos sessenta [1960]. Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.

A abordagem qualitativa traz mais dinamismo no âmbito da pesquisa, tornando a compreensão dos dados obtidos, mais coesa. Isso faz com que o entrevistador entre em maior contato com os dados dos entrevistados, tal fato se dá, por sua efetiva atuação no campo dos sujeitos da própria investigação. Além disso, a dinâmica qualitativa permite uma descrição mais apurada do espaço da pesquisa, com isso, da realidade social no qual os sujeitos estão imersos durante a investigação.

Com isso não há uma perda da cientificidade na pesquisa, pelo contrário, o pesquisador cumpre seu papel social de pesquisador, tendo em vista que tal dimensão é cercada de preceitos éticos comuns a qualquer forma de se fazer ciência.

Para aproximação direta com os sujeitos da pesquisa, utilizou-se dentro da concepção qualitativa a técnica da observação participante. A observação participante permite ao pesquisador que haja um contato mais direto entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Como parte do processo de observar, tendo sempre em vista o alcance do objetivo central da pesquisa, que neste caso, é perceber aspectos de resiliência no percurso formativo dos sujeitos (FLICK, 2009).

Dessa forma, nessa pesquisa, a observação participante foi concebida desde o momento da chegada do pesquisador em campo, quando deu-se a apresentação da pesquisa para os sujeitos da pesquisa, a apresentação do que seria em sua raiz conceitual, até as dimensões éticas envolvidas no processo de investigação (FLICK, 2009). De início, foram coletados dados mais descritivos, a fim de visualizar o espaço da pesquisa e ambientá-lo. Por último, refinou-se de forma seletiva, após a concretude do resultado das entrevistas realizadas.

Para um aprofundamento maior das concepções dos sujeitos em relação a investigação, utilizou-se como técnica de investigação a entrevista semiestruturada, que tem como características básicas questionamentos que são balizados por hipóteses simples e teorias que se relacionam ao tema da pesquisa. As perguntas feitas aos sujeitos tinham como premissa as categorias de formação e resiliência, tendo como espaço vivencial, o grupo MNMMR, espaço formativo comum a todos os sujeitos.

As perguntas foram construídas de forma básica, tendo em mente atingir o máximo de diálogos dos sujeitos. A ideia era apenas ambientá-los com as situações e perguntas mais diretas podem proporcionar uma compreensão breve, mas isso não significa que a formulação da mesma seguirá a mesma lógica, já que a dimensão do subjetivo é construída e reconstruída por cada indivíduo. Dessa forma entrevistou-se os sujeitos e suas concepções de mundo em relação à temática da pesquisa vem tópicos subsequentes desta pesquisa.

3. A RUA, O PALCO, A VIDA

3.1 A RUA: O MNMMR e a sua importância enquanto espaço formador

O Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) configura-se como um dos principais grupos sociais a nível nacional, que se preocupou com a situação de crianças e adolescentes em situação de rua, isso em meados da década de 1980 até a contemporaneidade. O MNMMR surgiu na cidade de São Paulo, e nos anos seguintes, se espalhou pelo país tendo as suas sedes instaladas majoritariamente em cidades capitais, dessa forma, estando presente em quase todas as capitais do país (OLIVEIRA, 2004).

Fincado na cidade de Fortaleza, o MNMMR passa a trabalhar com crianças e adolescentes em situação de rua diretamente na Comunidade do Lagamar, espaço da cidade que foi invadido em meados da década de 1960 e até a realização da presente pesquisa, os moradores ainda não possuem a escritura de suas terras, sendo um bairro de importante mobilização e lutas sociais desde a sua criação. A formação é um dos preceitos primordiais do MNMMR ao longo de sua história rica de atuação com crianças e adolescentes em situação de rua.

3.2 O PALCO: A Dança e a Companhia Estrelas da Rua

A Companhia de Dança Estrelas da Rua, em parceria com a Associação de Solidariedade aos Meninos e Meninas de Fortaleza, foi fundada no ano de 1998, tendo como objetivo buscar através da arte o resgate da cultura popular, para dar aos os sujeitos a oportunidade de se fazerem agentes transformadores de sua própria realidade local.

O ato de dançar, desde os primórdios é fruto da necessidade de expressão do homem. Seja relacionado a religião, etnia, sentimentos, guerra, é a maneira na qual o homem encontra para extrair seus anseios através de uma linguagem artística. Em se tratando da cultura popular brasileira, em cada região do Brasil, as histórias e costumes dos povos são vivenciados de maneiras singulares, nesse âmbito, a dança se configura como um instrumento de manifestação de identidade de cada povo.

A dança em sua complexidade é uma manifestação artística, e a arte, inserida no meio social pode ser uma ferramenta emancipadora, pois transforma pessoas, costumes, sociedade que descobriram na dança um ponto comum na realização de seus ideais. A arte de dançar quando passa a lidar de maneira direta com grupos, sentimentos, expressões de afetividade, de valores, da ética, proporciona leituras sobre as mais variadas formas expressivas não verbais, sejam essas formas, do mundo, de si e de outro; que podem vir a proporcionar novas visões de si, confirmadoras de potenciais criativos, expressivos e afetivos.

Além do mais, a experiência grupal ao lidar com disciplinas baseadas no diálogo e na busca do consenso passa a estimular a autonomia, a confiança e o respeito. Esse convívio construído permite que os estigmas, as discriminações e os rótulos que se fizeram sobre o sujeito sejam reelaborados e revistos tornando um potencial imenso confirmador da cultura do saber e das possibilidades das pessoas (ROMANS, 2003).

O papel formador que é exercido através das experiências vivenciadas dentro da companhia faz com que os dançarinos vão adquirindo novas perspectivas sobre a vida, o outro e meio em que vive (GHANEM, 2008). São nessas vivências que os integrantes vão se assumindo como ferramenta importante na sociedade, vão superando as dificuldades na busca da construção do ser resiliente:

Ser resiliente é transpor as barreiras do óbvio em busca de alternativas orgânicas que possam se “autoajudar” ou ajudar ao seu entorno social. Isso é fator definidor do grau de resiliência existente. A resiliência não pode ser compreendida como algo que simplesmente surge e pode ser mantido durante um longo percurso temporal, muito menos, como um pote de iogurte no fundo de uma geladeira, onde se pode abrir quando preciso e seu esgotamento será ininterrupto. A resiliência pode, simplesmente, ser adquirida e logo abandonada, como pode também não surgir advinda de diversos fatores que a impeçam de não se propagar enquanto força intrínseca (BARRA, 2015, p. 182).

É na superação das dificuldades que os sujeitos se reconstroem e ressignificam também o seu percurso formativo nos seus microespaços de atuação, como o MNMMR, por

exemplo. Na luta das ruas a resiliência é construída cotidianamente, tendo em vista que a realidade pede que os sujeitos se fortaleçam, devido aos desafios que se alternam cotidianamente (ANTUNES, 2011).

3.3 A VIDA: Quando falam os sujeitos.

Ao todo, foram convidados a participar das entrevistas para a construção dessa pesquisa dois sujeitos (uma mulher e um homem), tendo como ponto de partida a disponibilidade para a pesquisa e o tempo de pertencimento dentro do grupo em questão. Os sujeitos pertencentes à presente investigação ingressaram no início do projeto Meninos e Meninas do Teatro, pertencente ao MNMMR. Na narrativa dos sujeitos, foram omitidos seus nomes a pedido dos mesmos, sendo elencadas as suas falas de maneira numérica e por gênero, ficando organizadas da seguinte maneira: sujeito 1 (mulher) e sujeito 2 (homem). Dessa forma, o sujeito 2 fez parte da criação da Cia. de Dança, o sujeito 1 cresceu envolvido nos movimentos sociais e, apenas na sua juventude, ingressou na Cia. Atualmente os dois sujeitos fazem parte da Cia de Dança. Tendo em vista tal fato, a primeira pergunta feita aos sujeitos em questão foi “quais as motivações que o levaram a ingressar no MNMMR?”. Dentro dessa perspectiva, obteve-se as seguintes respostas:

SUJEITO 1 (MULHER): Bem, na época ainda era criança, devia ter meus 8 anos e tinha ingresso no MNMMR por meio de uma amiga que me levou ao projeto Meninos e Meninas no Teatro, que acontecia no Teatro José de Alencar. Mas, a principal motivação de ingresso ao movimento foram as várias atividades de formação que eram realizadas naquela época e me influenciam até hoje (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales/ Tiago Areal).

SUJEITO 2 (HOMEM): O que mais me motivou a entrar no movimento foi a dança, porque foi através das abordagens dos educadores do MNMMR que eu fiquei interessado em participar das oficinas que o projeto estava dando para os jovens e adolescentes que ali viviam e trabalhavam. (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales/ Tiago Areal).

Os diálogos iniciais supracitados evidenciam o caráter de importância que a inserção no MNMMR e posteriormente a construção do grupo de dança teve na vida dos sujeitos. O caráter resiliente que enaltece a resistência em meio ao caos social, está presente na formação dos sujeitos, acabando por ser fator objeto de mudanças qualitativas em suas vidas. Sobre a importância da resiliência na infância, Assis (2006, p. 13) evidencia que:

Procura-se compreender os mecanismos por meio dos quais um indivíduo supera dificuldades na infância e na adolescência. Como se trata de uma faixa etária de intenso crescimento e desenvolvimento, lida-se com pessoas em formação que já trazem inscritas em sua memória uma trajetória de alegrias e tristezas, além de mecanismos de enfrentamento das dificuldades.

A resiliência construída a partir da entrada dos sujeitos no cenário do MNMMR e sua evolução ao formarem a Cia. de Dança Estrelas da Rua, evidenciam a dimensão de importância de tal premissa. “Os traços que construímos na fase da infância e adolescência, pelos quais, buscamos sair de situações de adversidades podem ser recordados com veemência por aqueles que sofreram a ação” (BARRA, 2015, p. 181). Resiliência é “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (MELILLO & OJEDA, 2005, p.15). Todavia, não percebessem naquele momento que a arte poderia ser um meio de formação e de transformação social em suas vidas:

A arte é um fenômeno social na medida em que o artista é um ser social e sua obra é fruto das relações deste com os outros membros da sociedade, suscitando um modo de interpretar e conhecer o mundo. A criticidade conquistada nesse processo de apropriação dos códigos específicos da arte, tanto pelo aspecto cognoscitivo quanto pelo advindo da experiência estética e sensorial, pode proporcionar ao homem a possibilidade de mudar a realidade porque ele próprio é o produtor desta realidade (SALOMÉ, 2014, p. 5).

A partir do momento que o indivíduo toma consciência do significado de uma ação formativa na sua vida, e percebe-se em crescimento a partir dela, pode ser capaz de se resignificar, ou seja, mudar sua vida através da nova visão de mundo adquirida. Nesse sentido, a segunda pergunta apresentada foi: “Você entende o que significa uma atividade formativa? Caso positivo, qual o papel formativo no MNMMR na sua vida?”. Sob esse prisma, as respostas dos sujeitos foram:

SUJEITO 1 (MULHER): Sim, uma atividade formativa é uma atividade de formação, que forma algo ou alguém. Na minha vida foi quase que cem por cento. Se sou o que sou hoje é graças aos conhecimentos que adquiri no MNMMR. Meus valores foram lapidados pelas lutas por direitos e melhorias das crianças e adolescentes, nesse sentido, que aprendi lutar no MNMMR.(Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales).

SUJEITO 2 (HOMEM): As atividades formativas são atividades voltadas para o propósito de formar novas opiniões, novas ideias, novos conceitos. O papel do MNMMR na minha vida foi muito importante principalmente na fase de criança e adolescente, onde não tinha acesso a nenhuma informação. Então, foi através do

MNMMR, das atividades de base que pude descobrir que existia o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e dentro dele que poderia estar acessando esses direitos, que a mim era incumbido e que nunca tive acesso. Então foi através dessas atividades que pude ingressar na escola, pude buscar outros meios, outros caminhos para que conseguisse ser um adolescente, um jovem melhor (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales).

Com base na resposta dos sujeitos, pode-se confirmar o papel resiliente das experiências no MNMMR para a vida dos mesmos. A constante luta pelos direitos para si e para o coletivo que estava na mesma condição, acaba por transformar os sujeitos, tornando significativo o seu processo formativo na instituição. Por isso, segundo Josso (2002, p. 186 apud MACEDO, 2014):

A compreensão pelo próprio aprendente das dinâmicas que constituem o seu processo de formação dá aos processos de aprendizagem e de conhecimento uma “consistência”, uma “coluna vertebral” que reforça a energia psíquica e afetiva do aprendente, o seu sentimento de coerência e a sua disponibilidade para a aprendizagem propriamente dita.

Por meio da arte em suas diversas dimensões, é possível desenvolver a percepção e imaginação, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a sua realidade de maneira holística, atentando-se às diversidades de seu entorno social, sempre trabalhando para a criação de alternativas que mudem qualitativamente a realidade desigual posta. É por meio de uma formação crítica que a arte da dança se torna um processo de metamorfose intensa no auxílio ao crescimento dos sujeitos. Nesse aspecto, a terceira pergunta apresentada foi: “Como a Cia. Estrelas da Rua atuou nesse processo formativo?”, e como resposta obteve-se:

SUJEITO 1 (MULHER): Sim, porque a Cia. também estava inserida no MNMMR, era por meio da dança que a cia conseguia repassar os conhecimentos de cidadania, políticos e sociais, com a arte também pude me formar enquanto cidadã e pessoa de direito. (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales/ Tiago Areal).

SUJEITO 2 (HOMEM): A importância da Cia. de Dança Estrelas da Rua no meu processo formativo foi bastante importante, porque foi através da dança que me tornei uma pessoa melhor. Digo isso, porque foi nesse processo formativo desde a época de criança e de adolescente que aprendi os princípios da dança, que são: a disciplina e a responsabilidade, dentre outros fatores importantes para o processo formativo de uma pessoa. (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales/ Tiago Areal).

A dança em seus mais diversos estilos, traduz o que é subjetivo no ser humano; seus anseios, suas dores, alegrias, sonhos, através de expressões corporais fortemente marcadas

pela história de todos os povos que vivem ou viveram. Analisando sob esse olhar, em cada movimento existe o encontro de diversas culturas que desenvolve a consciência social. Em relação a quarta indagação desta pesquisa, foi perguntado sobre “Quais os pontos positivos e negativos de ter ingressado em tal Movimento?”. Nessa perspectiva, as respostas obtidas foram:

SUJEITO 1 (MULHER): Positivos: conhecimentos políticos, sociais, conhecimento de mundo, de perceber o todo, de conhecer a vida, de me conhecer, afirmação de identidade, saber conviver com as diferenças / Negativos: faria tudo diferente, não é arrependimento, mas com certeza faria tudo de um jeito melhor. Tem um ponto negativo, me perdi da minha família, hoje, me sinto como se não fizesse parte da minha família é como se eles fossem estranhos para mim. (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales/ Tiago Areal).

SUJEITO 2 (HOMEM): A parte negativa de ter ingressado no movimento foi o fato da não aceitação por parte da minha família porque meu pai queria que eu só trabalhasse, não queria que eu fizesse atividades de aprendizado. Muitas vezes fugia de casa porque eu não queria só simplesmente trabalhar, eu queria trabalhar, mas eu também queria aprender, estar com pessoas novas, então essa foi a parte mais negativa. É claro, a parte positiva, são as melhores, porque foi através do movimento que eu tive oportunidade de reingressar na escola, tive acesso ao meu primeiro emprego, acesso a conhecer pessoas novas, e através da dança conhecer outros países, conhecer outras realidades, implantar na minha realidade, no meu convívio. (Roteiro de Entrevistas - Ana Flávia Oliveira Sales/ Tiago Areal).

Um aspecto negativo que merece destaque é a questão de seu ausentar mais do convívio familiar por conta das vivências intensas nas ruas. É comum que isso ocorra, pois quem se dedica quase ininterruptamente em seu cotidiano para lidar com as experiências em becos e vielas das periferias, acaba naturalmente por se afastar do seu núcleo familiar mais próximo. As características apresentadas nas falas, enaltecem o fato de que:

Maior parte dos moradores de favelas ou cortiços ou mesmo os muitos sem-tetos que perambulam pelas ruas das cidades médias e grandes constituem exemplos de pessoas ou comunidades resilientes. As condições de adversidades ou fatores de risco que enfrentam são duras, não raramente extremas [...] despeito disso tudo, não apenas sobrevivem, mas ainda conseguem se organizar, construir momentos autênticos de alegria e fazer para seu horizonte de vida projetos e planos (ANTUNES, 2011, p. 15)

Apesar das dificuldades enfrentadas, os sujeitos superaram as dificuldades, a partir de construções subjetivas e coletivas proporcionadas pelas vivências críticas que a entrada no MNMMR e à Cia. Estrelas da Rua veio a lhes proporcionar. Dessa forma, a gama de

experiências sociais que tenham um caráter transformador, pode criar mecanismos positivos de formação que auxiliam na construção de um sujeito verdadeiramente cidadão.

CONCLUSÃO

Ao fim de tal pesquisa torna-se importante refletir sobre os vários espaços no qual os sujeitos desta pesquisa perpassaram durante grande parte das suas vivências cotidianas. Em tais experiências aqui supracitadas, pode-se extrair diversos fragmentos de aprendizados obtidos nas várias fases da vida desses sujeitos, onde na infância as referências formativas positivas eram quase inexistentes, geralmente acompanhadas pelas influências de atitudes negligentes por parte dos sujeitos que os cercavam. Ademais, em virtude de influências cotidianas negativas, destaca-se na vida dos sujeitos o ingresso no MNMMR, movimento no qual acaba por ser protagonista nas lutas sociais, como também, tem papel importante para a construção da concepção de resiliência dos sujeitos que o compõem. Em seguida, a participação da Cia. de Dança, muito mais do que aprenderem a dançar, mostra o quanto foi engrandecedor no aspecto formativo, a participação de experiências culturais significativas, como é o ato de dançar. A presente investigação se faz tão relevante, pois a experiência pedagógica evidencia a importância do papel formador nos espaços artísticos e a constante ressignificação em suas vidas que os sujeitos são capazes de fazer através da participação nesse conjunto de vivências.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARRA, Tiago Bruno Areal. O Papel Formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) na Comunidade do Lagamar através da Perspectiva dos Participantes: uma experiência de construção da resiliência e do empoderamento. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira. Ceará, Brasil. 2015. 226 p.

BOGDAN, Robert C; Biklen, Investigação Qualitativa em Educação. Portugal: Portugal Editora LDA., 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo: Editora Braziliense. 1985.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte, 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC, 1998.

CARVALHO, Adalberto Dias de. BAPTISTA, Isabel. Educação Social: fundamentos e estratégias. Portugal: Porto Editora, 2004.

FLICK, Uwe. Introdução a Pesquisa Qualitativa. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

GHANEM, Elie. TRILLA, Jaume. Educação Formal e Não-Formal. São Paulo: Summus, 2008.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da Pesquisa Qualitativa à Pesquisa Social. In: GROULX, Lionel-Henri et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEITE, Ligia Costa. A Magia dos Invencíveis: os meninos de rua na Escola Tia Ciata. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.

MACHADO, Rosa Helena Blanco. Vozes e Silêncios de Meninos de Rua: o que os meninos de rua pensam sobre as nossas instituições. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MELILLO, Aldo. OJEDA, Elbio Néstor Suárez. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MOITA, Maria da Conceição. Percurso de Formação e de Transformação. In: NÓVOA, Antonio (org.). Vidas de Professores. Portugal: Porto editora, 1995.

OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Educação Social de Rua: as bases políticas e pedagógicas para uma educação popular. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2004.

ROMANS, Mercè (et al). Profissão Educador Social. São Paulo: Editora Artmed, 2003.

ROURE, Glacy Q. de. Vidas Silenciadas: a violência com crianças e adolescentes. São Paulo: Editora UNICAMP, 1996.

SALOMÉ, Josélia Schwanka. Educação, Arte e Formação Humana: reflexões sobre a educação estética na escola. Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/5/artigo_simposio_5_861_joselia.salome@utp.br.pdf Acessado em: 22/07/2016 às 11h59min, 2014.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Educação Não-Formal: cenários da criação. São Paulo: Editora UNICAMP, 2001.